

Entrevista sobre "O Seminário" com François Ansermet¹

Jacques-Alain Miller

*"Eles me chamaram de O Obscuro, e eu habitava
o clarão"²
(Saint-John Perse)*

Um jovem suíço veio um dia me ver. Eu não o conhecia. Ele desejava, disse-me, interrogar-me sobre "o estabelecimento do Seminário de Jacques Lacan". Nós conversamos informalmente durante uma hora, um gravador sendo o terceiro.

A transcrição por Ansermet dessa conversa foi lançada no ano passado no *Bloc-notes de la psychanalyse*, revista publicada por Mario Cifali em Genebra.

Falou-se desse texto, que poucos leram; por vezes o deturparam. Um litígio levado à justiça, que provoca rumores, me faz ter cuidado de ser exatamente entendido. Donde essa plaqueta, que retoma tal qual o texto publicado.

J.-A. Miller.
21 de julho de 1985.

François Ansermet - Estabelecimento de um texto, transcrição, escrita, paginação, diversas maneiras possíveis de designar o trabalho que você realiza Seminário após Seminário. Como descrevê-lo? Como qualificá-lo? Como você o faz? Quais são as dificuldades que você encontrou? O que ele lhe traz? Diversas questões às vezes elementares, ingênuas, ou complexas demais para abordar nessa entrevista.

Jacques-Alain Miller - Essas são questões distintas. Como descrever esse trabalho? Esse trabalho não é sem

precedente na história do pensamento. Os grandes professores não deixaram seus cursos redigidos, fato que engajou seus discípulos a estabelecerem o texto. Aconteceu-me, no curso que tenho realizado após o falecimento de Lacan, evocar em relação a esse assunto, os avatares, que vocês conhecem, do curso de Aristóteles. Considero que esse trabalho é facilitado, no caso que nos ocupa, pelo fato da ciência nos ter colocado nas mãos esses *gadgets* que são os gravadores, sem contar o *gadget* de escrita que é a estenografia. Além disso, esse trabalho foi iniciado no tempo em que o Dr. Lacan vivia e não após diversos séculos, e é conduzido por alguém que pode passar com legitimidade por um colaborador muito próximo de Lacan. Portanto, temos muito mais certezas em relação a este curso do que temos quanto ao ensino de Aristóteles.

Evidentemente, se tem por aí diferentes cursos de Heidegger, por exemplo, já que ele mesmo deixou versões escritas – e a gente pode se perguntar por que isso não foi o caso de Lacan.

Ele estava tomado por um movimento de invenção contínua, com um seminário que foi durante muito tempo semanal e uma enorme prática, o tempo não lhe foi dado. O movimento de seu ensino é pontuado por certo número de escritos – dos quais muitos, aliás, estão na origem dos trabalhos de circunstância, de encomenda, solicitados pelo editor ou pela vida mesma do grupo analítico. Nessas ocasiões, ele concentrava ainda mais o seu ensino sobre o que lhe parecia mais dificilmente assimilável pelo seu auditório. Seus escritos giram em torno de pontos de tropeço e cruzam seguidamente com partes diferentes do Seminário: o escrito sobre a psicose, por exemplo, cruza com o terceiro Seminário, *As psicoses*, e o quarto, *A relação de objeto*. Não se encontra em *As psicoses* a “metáfora paterna”. Para construí-la, ele precisou em primeiro lugar encontrar o texto de Jakobson sobre os dois

tipos de afasias, depois extrair a função de significante imaginário do *phallus*, e é por meio do escrito que redige, que ele enoda o *phallus* e o pai em sua metáfora paterna.

François Ansermet – E de fato, como você qualifica o seu trabalho?

Jacques-Alain Miller – Eu mesmo escolhi falar em *estabelecimento* de texto, pois o problema, nas circunstâncias presentes, foi que Lacan jamais considerou a estenografia como o texto original. Esse estabelecimento é então uma redação.

François Ansermet – Como você escreve na notícia antes do posfácio do *Seminário XI*, trata-se de uma transcrição que doravante terá fé e valerá, no futuro, como original que não existe. Essa origem é encontrada mais tarde em uma escrita, uma escrita da fala de outro. O que se pode dizer do gesto que funda uma obra sobre um original que não existe?

Jacques-Alain Miller – Há muito pra dizer sobre isso porque é o problema da passagem do oral ao escrito. Não há obra oral. Uma obra oral se mede por suas consequências no auditor, e ela não forma um monumento. Somos obrigados a constatar – Lacan mesmo testemunha isso no posfácio do *Seminário XI*, o primeiro editado – que ele jamais considerou publicáveis as estenografias de seu ensino. Vocês sabem que ele começou a realizar seu seminário em 1951, que passou a ser estenografado a partir de 1953-1954. Ora, desde essa data até 1973, a saber, durante vinte anos, Lacan se recusou a qualquer publicação completa de seu Seminário. J. B. Pontalis se aventurou em resumos de dois ou três seminários, que foram publicados no *Bulletin de psychologie*; M. Safouan redigiu um resumo de uma centena de páginas do Seminário da *Ética*, que ele desejou publicar – mas Lacan definitivamente não consentiu; J. Nassif forneceu resumos da *Lógica da fantasia* nas *Lettres de l'École freudienne* e igualmente num texto publicado em *Scilicet*,

que mistura, em um texto composto a partir de um seminário, suas próprias reflexões; C. Conté, na mesma revista, redigiu um longo artigo a partir do Seminário da *Identificação*.

Houve, portanto, no curso de vinte anos, diversas tentativas de explorar o Seminário, que tomaram a forma de *compendium*, de resumo ou de redação personalizada – citei aqui as tentativas que não visaram fazer desaparecer o nome de Lacan, sem destacar plágios e pompas que, evidentemente, são inumeráveis.

Em 1973, propus a Lacan um modo completamente diferente de se relacionar com seu Seminário: não mais resumindo-o, não mais utilizando o conteúdo para fazer um artigo ou um livro que parecesse com outros livros, mas fazer um livro do Seminário, respeitando o corte em lições, que fosse exaustivo e, no entanto, redigido, aliás, escrito. Era a primeira vez. Diante do resultado, ficou decidido entre nós que o conjunto de seus Seminários seria realizado desse modo.

Não me escapa que existe hoje em dia uma espécie de supervalorização que espera que as estenografias sejam consideradas como texto original. Sobre esse assunto, é necessário ser claro: eu prossigo na mesma linha. Essa redação poderia ter sido diferente – essa é a minha, e foi essa que convenceu Lacan. O estatuto desse trabalho é sem equívoco, é um trabalho de colaboração.

Aliás, posso lhes dizer que a ideia do Dr. Lacan, desde o momento do meu primeiro estabelecimento do Seminário, era que nós o assinássemos conjuntamente. Ele foi sempre, neste aspecto, extremamente generoso, considerando que a participação que eu tinha nesse trabalho justificaria uma dupla assinatura. Recusei isso – foi o que Lacan gentilmente denominou, no seu posfácio, minha “modéstia” –, mas como está consignado nos contratos de edição com Lacan, tenho judicialmente o estatuto de co-

autor. Por outro lado, as estenografias circulam, os pesquisadores podem se reportar a elas. Lacan tinha somente ordenado ao seu editor impedir uma exploração comercial desavergonhada das edições ditas piratas. Eu tenho confirmado após a sua morte esse mandato.

François Ansermet - Se Jacques Lacan poderia ser considerado como intérprete de uma obra que ganharia corpo, a partir do texto freudiano, em uma prática e em um ensino, o que representa essa nova interpretação que é a escrita dessa fala? Todo o trabalho de interpretação supõe uma antecipação do sentido: essa antecipação se situa na relação à fala que se manteve. Como decidir o sentido nesse contexto?

Jacques-Alain Miller - Lacan disse uma vez - isso foi recolhido e publicado - que eu colocava seu seminário em meu próprio francês, e que isso lhe convinha. De minha parte - isso foi verídico desde que encontrei Lacan na Escola Normal -, eu obtive, é necessário dizê-lo, subitamente a reputação de ser aquele que compreendia Lacan.

Fui colocado imediatamente nessa posição - e essa posição marcou-se desde a segunda lição do *Seminário XI*, que infelizmente não foi registrada, onde, pela primeira vez, em público, eu interpelei o Dr. Lacan, dizendo-lhe que, para mim e para meus camaradas da Escola Normal, ele era antes de tudo um teórico rigoroso, como se dizia, racional, e não um mago como o valorava a reputação que lhe faziam. Isso me engajou por outro lado numa discussão com ele sobre o uso que ele tinha feito, em um de seus escritos, do adjetivo *ontológico*, que ele tinha atrelado, se minha lembrança é boa, à expressão *falta-a-ser* - uma discussão na qual me permiti, se posso dizer em nome da razão, argumentar com ele. Parece que isso não tinha sido feito dessa forma até esse momento, e essa entrada me colocou numa certa posição. De fato, o trabalho que faço

sobre o Seminário, eu o faço no elemento da certeza, não o faço na dúvida.

Quando digo que eu *decido* sobre o sentido, dizemos que eu vou ao pior. Considero que *restituo* o sentido, quando os meandros da expressão oral o obliteram. Mas em nome desse sentido, tenho que decidir aquilo que passará ao escrito. É certo que quando Lacan multiplica oralmente os substantivos para qualificar alguma coisa, pois bem, uma vez eu conservo todos os termos e outra vez, conservo só um. Isso é para ser tratado a cada vez, conforme a ocasião. Há uma gradação significativa, uma redução? Ou a palavra justa deveria apagar a sua pesquisa? Meu julgamento é a cada vez particular, e o que o assegura é um estudo, desde muito tempo, do ensino de Lacan e a sua colaboração na edição dos Seminários lançados quando ele estava vivo.

François Ansermet – Enquanto se podia imaginar que Lacan deixava inicialmente uma obra escrita, o que representava para ele a transcrição de sua fala e de seu ensino? No aparecimento dos primeiros Seminários, o que representou para Lacan ler Lacan – se ler redigido por você?

Jacques-Alain Miller – Creio que ele ficou muito feliz! Sua secretária, Gloria Gonzalez, que não o deixou por mais de trinta anos, me contou um dia que, no fim dos anos cinquenta, ela o tinha encontrado diante de um armário aberto, que continha as estenografias de seus seminários, as quais se acumulavam ano após ano. Ele tinha dito, num suspiro: “Ah! quem se ocupará de tudo isso?” Pois bem, sou eu quem se ocupa de “tudo isso”.

Eu não estava aí imediatamente, visto que encontrei Lacan em 1964, e somente em 1973 as coisas iriam ganhar forma. Até esse ponto, não era evidente – tanto para Lacan como para qualquer outro – que se respeitaria o menor de seus ditos! O panorama que tenho feito para vocês o mostra: nenhuma das tentativas de seus alunos chegava a isso. Um

tempo é necessário para que a gente pegue a medida de Lacan – e ele mesmo não estava nesse ponto, isso não poderia vir senão do Outro.

Hoje em dia as coisas chegaram ao ponto em que aqueles mesmos que se comportaram muito mal perante Lacan, durante os últimos anos da sua vida, fazem essa inútil supervalorização à qual me referi.

François Ansermet – Você escreve na notícia antes do posfácio do *Seminário XI*: “aqui se quis não ser levado em conta...”. Apesar de tudo, teria um lugar para esse “não ser levado em conta”?

Jacques-Alain Miller – Sim. Acredito que a diferença entre meu trabalho e as tentativas precedentes, abortadas, é evidentemente que elas queriam contar para alguma coisa: o resultado, é necessário dizer, é pouco útil. Não ser levado em conta é colocar-se numa posição tal que eu possa escrever eu [je], e que este eu seja aquele de Lacan. Não ser levado em conta é a condição para que esse eu [je] possa ser escrito por qualquer outro que Lacan.

Aparentemente, anulei suficientemente minha particularidade para que Lacan adotasse aquilo que me é particular: é necessário crer nisso, é uma atitude completamente lógica de me apagar, precisamente! O que quero dizer: dobrar-me então à racionalidade desse pensamento. Também é uma exigência de clareza – de fazer emergir os delineamentos, o que somente seria possível a partir do estabelecimento do texto.

Deslocar um sintagma, uma frase, pontuá-la, colocando uma como relativa e a outra como principal, demanda que se tenha conseguido pegar aquilo que está em questão, isto é, aquilo com que esse pensamento se confronta, e também o que ele evita e, portanto, em relação ao que ele avança. Isso supõe reconstituir a cada momento a problemática ativa desse ensino.

Também se trata de se aperceber da presunção de uma empreitada em fazer um tratado. O Seminário de Lacan sobre as psicoses é um tratado sobre as psicoses? Se ele o fosse, isso significaria que seu começo é contemporâneo ao seu fim – porque o que faz um tratado é aquilo que apaga o tempo mesmo de sua leitura, que o preenche como um tempo suspenso. Ora, seguir Lacan como é preciso, era em primeiro lugar, se aperceber que existe uma reflexão em transformação durante um ano, que de uma lição à outra do Seminário há discrepâncias, que Lacan se corrige, desloca os elementos anteriormente colocados, e que um ensino é isso. Logo, inventar a edição do Seminário, com efeito supunha tomar partido sobre o que é o ensino de Lacan.

Este não ser levado em conta, eu lhes dou então o seu valor: creio que minha particularidade no assunto em questão – há aí uma –, é a de ter levado a articulação lógica do ensino de Lacan suficientemente longe, para poder restituí-la através da escrita.

Você me perguntou o que isso significou para Lacan. Creio que Lacan utilizou sua própria obscuridade, que ele manejava, ele lhe deu um valor, se eu posso dizer heurístico, mas também era alguém para quem a originalidade, a contorção própria do seu pensamento, foi durante muito tempo um tipo de maldição. Então, bem entendido, ele fez uso, ou melhor, ele se arranjou, e utilizou o que era a sua obscuridade para elevá-la a paradigma. Foi sempre precioso para ele receber o testemunho de outros que o seguiam. Ele não cessou de pedir o testemunho de seus alunos, dos ouvintes do Seminário. Percebe-se o que eu disse no curso do Seminário – esse apelo. Portanto, o fato de que outro possa entrar na sua lógica a ponto de redigir seu ensino, conforme sua satisfação, era nessa ocasião uma garantia e um testemunho. Aliás, meu gosto pela clareza – chamamos isso assim – vem bem a calhar como saldo final!

Mas de fato, Lacan não é obscuro: é o clarão que se diz obscuro...

François Ansermet – Como você disse, Lacan estava presente nesse trabalho de transcrição na sua tentativa de não se apropriar do eu [je]. Em que a morte de Lacan modificaria as condições do seu trabalho?

Jacques-Alain Miller – Não era somente Lacan quem relia a versão final antes que ela fosse impressa, mas eu também podia questioná-la, nas passagens especialmente opacas, tendo em vista algumas falhas da estenografia, tal nome, tal referência. É verdade também que ele não tinha sempre tudo isso presente no espírito. As facilidades que eu poderia ter tido no tempo em que ele vivia, agora não as tenho mais.

Já no Seminário *As psicoses*, no qual não tive resposta de sua parte sobre certos pontos, começaram aparecer certas passagens com reticências entre colchetes, enquanto que isso não era o caso nos Seminários precedentes. É verossímil que nos Seminários seguintes eu deveria ainda deixar algumas cicatrizes.

Outra coisa também mudou: no tempo em que Lacan vivia – é um fato –, durante dez anos, meu trabalho não foi contestado. Depois de sua morte, e de um modo desavergonhado, os mesmos que, em certa ocasião, o injuriaram nos últimos anos de sua vida, atiraram-se sobre mim. Isso não me faz desviar um centímetro.

François Ansermet – Estabelecer o texto de uma obra falada seria também um trabalho de escrita. Não teria aí alguma coisa de exibição daquilo que constituiria a trama de todo escrito: o autor escreve, mas ao mesmo tempo ele é falado. Há outro que fala no trabalho de escrita. Poderíamos citar Blanchot: "Assim, antes da obra, o escritor não existe ainda; após a obra, ele não subsiste mais: em outras palavras, sua existência está posta em xeque. E se chama autor! Mais precisamente, ele seria

"ator", o personagem efêmero que nasce e morre a cada crepúsculo do dia para ser dado exageradamente a ver, morto pelo espetáculo que o entrega ostensivo, isto é, sem nada que lhe seja próprio ou escondido em qualquer intimidade". Nós temos falado até aqui de paginação, de transcrição: tratar-se-ia de não colocar entre parênteses o trabalho do autor, do escritor. O que você pensa disso?

Jacques-Alain Miller – Eu me atendo às estenografias, àquelas que Lacan me entregou, àquelas que ele considerou as melhores em seu conjunto. Eis aí a primeira matéria do trabalho. Tomo cada lição, uma após a outra, na ordem em que foram ditadas, e retifico sucessivamente uma trintena de páginas que isso representa.

Procuro, em primeiro lugar, os pivôs da lição. Estabeleço as passagens que me parecem, numa primeira leitura, as mais límpidas, reservando para um segundo tempo aquelas – essas são as mais numerosas – que parecem as mais enroladas. Estabelecer é desenrolar: embora, na redação final, eu respeite ao máximo a ordem que Lacan seguiu, é necessário, todavia, reconstituir a articulação lógica para tomar a menor decisão de escrita. Para saber onde uma vírgula deve ser colocada, é necessário encontrar os pivôs. Tendo observado que, em média, um seminário se deixa facilmente dividir em três "partes" – pontuação essencial – , tomei a decisão, desde muito cedo, com o acordo de Lacan, de indicá-las. É o ritmo que às vezes observo e que constituo: três grandes escansões em média, mais uma introdução e uma conclusão que, logo que é alcançada, demanda uma quarta parte – mas é bem raro. Portanto, eu reencontro os eixos, e daí desço ao menor detalhe.

Em primeiro lugar, me esforço – é uma escolha – para marcar bem as articulações, mesmo as mais finas como os parágrafos, no momento em que isso se apresenta, de início, como um tipo de *continuum*. De vez em quando, o estenógrafo parece ter marcado as pausas da voz, marcando ele mesmo os

parágrafos. É necessário sempre levá-lo em consideração? Não.

Também me ocorre deslocar certos sintagmas, quando, por exemplo, Lacan retoma dois ou três minutos mais tarde o mesmo ponto precedente, como acontece com um conferencista. Isso quer dizer, respeito os erros desde que eles se demonstrem significativos na sequência. Lacan jamais me solicitou fazê-lo parecer infalível.

Deixamos de lado a verificação das referências. Digamos que estabeleci uma primeira versão, lição após lição. O conjunto é datilografado, o trabalho recomeça a partir desse novo manuscrito.

É entre a primeira e a segunda versão que escolho os títulos e fixo os pequenos exergos – método que escolhi para evitar o peso dos subtítulos, que dariam por demasiado o aspecto de tratado que quero evitar.

Quis assim marcar que se trata de uma transcrição de um texto oral multiplicando os traços que, apesar da fratura da pontuação escrita, são os índices de continuidade. Em particular, eu escrevia imediatamente – mesmo antes de fazer o primeiro trabalho – uma carta à Lacan, para lhe dizer que não utilizaria, voluntariamente, o ponto e vírgula, nem os dois pontos – com exceção de erro, vocês não os encontram nos Seminários – mas um sinal mais ambíguo, um sinal de pausa distinto do ponto e vírgula, que é o travessão. Aliás, fiz alusão, na carta que escrevi a Lacan, a essa particularidade de pontuação que é aquela de Laurence Sterne –, ao ponto disso ter sido isolado na crítica inglesa como *the Shandean dash*, o travessão shandeanista. Pois bem, utilizo o *Shandean dash* na transcrição do Seminário de Lacan. Quis com isso marcar que eu não utilizaria todos os recursos da pontuação escrita. O traço resta como a marca da origem oral que se trata. Aliás, tenho às vezes dificuldade em fazer respeitar

isso pelos tradutores, mas devo dizer que eles se conformam muito gentilmente.

François Ansermet – Você acaba de definir a posição daquele que transcreve, e podemos passar à posição daquele que lê. Diz-se frequentemente que os *Seminários* são mais legíveis que os *Escritos*. Que quer dizer ler Lacan? Há uma diferença notória entre o Lacan falando, o Lacan transcrito e o Lacan escrevendo?

Jacques-Alain Miller – Creio que isso é indiscutível. Lacan escritor, ele mesmo disse, entendia não deixar outra saída ao leitor que entrar no texto. E verifica-se que longos desenvolvimentos do Seminário se encontram, às vezes, concentrados num parágrafo de um escrito.

Aliás, é preciso remarcar, de passagem, que existem muitos escritos que Lacan mesmo não considera como escritos à altura de suas exigências. Ele até diz que "A instância da letra" é um texto intermediário entre o escrito e o oral, pois foi redigido a partir de uma conferência. Além disso, é necessário remarcar que sobretudo seus escritos foram frequentemente feitos com um endereçamento determinado. Assim sendo, "A instância" é uma conferência; "A direção do tratamento" é um relatório de congresso; "A ciência e a verdade" foi escrito inicialmente para ser pronunciado como sessão de abertura do Seminário sobre *O objeto da psicanálise*; "Posição do inconsciente" é uma reatualização de uma intervenção no colóquio organizado por Henri Ey em 1960; "A significação do falo" foi escrito para uma conferência e "A coisa freudiana" foi redigido após um convite de Viena. Há também o desejo não realizado de redigir ele mesmo a *Ética da psicanálise* – aliás, foi por esse motivo que, perturbando os meus planos, escolhi publicar esse Seminário em primeiro lugar, após o seu falecimento.

Lacan falando, ainda assim é preciso dizer, foi, para muitos de seus auditores, opaco. Isso está ligado a

numerosas razões: em primeiro lugar, o avanço que sempre teve sua reflexão sobre o tempo para compreender de seus auditores, e também o fato de que sua expressão oral era rebuscada e inventiva. Ele disse uma vez: "Falo como outros escrevem". Portanto, se pode dizer que Lacan falando, para seus auditores do momento, era tão complexo quanto o Lacan escrito.

Sobre isso, constato que um Seminário não entra na compreensão geral senão depois de que eu o tenha estabelecido. Eu constato isso. Enquanto o trabalho, que é de redação e, sobretudo, de logicização não for realizado, não se chega a muito – exceto alguns rastos aqui e acolá. Eu disse muito à vontade que a concepção que posso ter de um Seminário antes de tê-lo redigido, e após, não é a mesma. Eu mesmo vejo progressivamente emergir, através de meu trabalho, suas linhas de força, sua problemática, seus obstáculos.

François Ansermet – E para você, o que quer dizer ler Lacan?

Jacques-Alain Miller – De minha parte, eu o li três meses antes de encontrá-lo – em janeiro de 1964, portanto, há vinte anos exatamente.

Eu o li a partir de um convite de Althusser, que era *caïman*³, isto é "supervisor"⁴ de filosofia na Escola Normal, e deveria no ano seguinte dedicar seu seminário ao *Capital*. Após um ano dedicado à arqueologia das ciências, ele gostaria de ficar um ano sobre Lacan. Eu jamais tinha lido uma linha de Lacan até esta data, setembro de 1963, e não pretendia assistir ao seminário senão como ouvinte. Eu terminaria minha licença de filosofia. Louis Althusser me chamou no seu escritório para me dizer que seria bom ler Lacan, que certamente isso me daria prazer, e que me preparasse para participar em seu seminário. Eu o escutei, quer dizer, dirigi-me à livraria da *Press Universitaires de France*, localizada na Sorbone, e comprei todos os volumes

publicados até então da revista *La Psychanalyse* – ia até o volume 6, se minha lembrança é boa (em seguida completei, procurando, na biblioteca da Escola, os textos publicados na *Évolution psychiatrique* e na *Revue Française de Psychanalyse*) – então parti para o campo, como poderia ter feito na época, para desbravar tudo aquilo. Aliás, eu estava na companhia de um de meus amigos que se preparava para um bacharelado de filosofia, e me recordo muito bem ter começado no primeiro andar a leitura do “Relatório de Roma” e, ao descer na hora do almoço, de ter dito a esse amigo, que tinha passado sua manhã sobre Leibniz, que eu estava lendo alguma coisa inaudita.

Meu trabalho sobre Lacan é fundado sobre o que fiz durante esses três meses, a partir desses escritos, sem o Seminário, sem ter jamais escutado Lacan, sem jamais tê-lo visto. Isso me levou, a pedido de Althusser, a me engajar em fazer uma exposição de duas horas: eu fiz finalmente três, no início do ano de 1964, da qual, como me acontece frequentemente, não tenho um traço escrito. Porém, qualquer que seja a parte ainda mais rudimentar de minha primeira abordagem, mesmo assim a assino.

Evidentemente progredi, mas no mesmo espírito da lógica. Ensino Lacan desde 1972, percorri sistematicamente, durante sete anos, sua obra em um curso semanal na Universidade de Paris VIII, que interrompi durante dois anos e retomei após o falecimento do Dr. Lacan, em 1981. Agora, faço uma segunda rodada na qual espero atingir a sua problemática subjacente. Lacan diz muito bem que a gente não precisa conhecer o projeto de uma casa para bater a cabeça contra as paredes: pois bem, tento recompor o projeto dessa casa que é o ensino de Lacan, e que ele construiu quebrando a cabeça!

François Ansermet – Quando se trata de psicanálise, de inconsciente, da Coisa, como o letreiro de Lacan, “a Coisa fala dela mesma”, ou como ele diz em outro lugar, o que se

escreve da Coisa é preciso considerar como o que se escreve vindo dela, e não de quem escreve. Qual é então o lugar daquilo que escreve quando justamente se trata da Coisa? Duplicação na escrita daquilo de que se goza, como escreveu Freud na sessão analítica: "nós não pedimos apenas ao paciente para dizer o que sabe, o que dissimula do próximo, mas também o que ele não sabe". Portanto, como escrever o que a gente pensa da Coisa? É exatamente o questionamento que Lacan parece abrir no seu posfácio ao *Seminário XI*: "o que se lê passa através da escrita restando aí ileso [...]. Ora, o que se lê, é disso que eu falo, já que o que eu digo é consagrado ao inconsciente, seja o que se lê antes de tudo".

Jacques-Alain Miller – Nessa época, Lacan definiu o inconsciente por aquilo que se decifra.

François Ansermet – A qual leitura e a qual escrita particular obriga o objeto da psicanálise?

Jacques-Alain Miller – Em primeiro lugar, lembro o que distinguiu meu modo de tomar o Seminário: é considerar que os meandros desse ensino são esse ensino mesmo. A ideia de descongestionar esse ensino de seus meandros para resumilo, ou para deixar seu começo contemporâneo ao seu fim, desconhece profundamente seu objeto. Você me pergunta a qual leitura isso obriga: isso obriga a mesma leitura que o inconsciente, por que não?

Quando leio Lacan e tento restituir as lições que extraio para o auditório de meu curso, e que formo nessa leitura, nessa ocasião digo que procedo ao modo de Champollion – revelando o valor que extrai de uma escrita, levar-se em conta o retorno de certas palavras e certas conexões.

Para tomar o mais simples, a conexão regular e, além disso, tematizada, é a do ato e a da certeza. Pude esse ano, em um curso, ao qual dei o título "Respostas do real", mostrar o valor do termo *resposta* em Lacan ou do termo

decisão e, a partir deste, o de escolha. Em primeiro lugar, o trabalho é no nível do significante, e não da significação.

Se posso reportar-me ao que eu mesmo tenho feito, considero que o guia de toda a leitura de Lacan são os seus escritos. Escolhe-se uma via fácil quando se entra aí pelos Seminários – e por que não? –, mas o que verdadeiramente decide esse ensino é o escrito. De minha parte, entrei no ensino de Lacan exclusivamente pelo escrito. Um movimento de vai-e-vem, é claro, é concebível, e é certo que o Seminário nos dá informações sobre as vias delineadas por Lacan – nas quais, ocasionalmente, ele se recusa a se engajar. Mas sem o pivô do Lacan escrito, creio que é uma via perigosa – e talvez vã.

François Ansermet – Como os primeiros textos freudianos sobre o inconsciente, *A interpretação dos sonhos*, a *Psicopatologia de vida cotidiana*, ou *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, a obra de Lacan na sua escrita aparenta se estabelecer no risco da lógica do inconsciente. Os *Seminários* ou os *Escritos* que trazem em si a ambiguidade, a contradição, o repúdio da definição ou da sistematização, os traços do impossível de dizer ou de escrever, seguramente não poderiam ser reduzidos em um texto sancionando por uma leitura sistematizada, tipo “ordenamento” da obra de Lacan por um jogo de classificações e de definições?

Jacques-Alain Miller – Não creio que isso tenha sido de tal modo ousado, pois haveria algo vão, em tal trabalho. Não concordo com a sua comparação entre os textos de Lacan e os primeiros textos de Freud. Lacan jamais se tomou por um descobridor – o descobridor é Freud. Aliás, não encontramos nada na obra de Lacan que seja equivalente aos textos que você evocou, *A interpretação dos sonhos*, a *Psicopatologia da vida cotidiana*, o *Chiste*, nos quais Freud paga com sua pessoa, e demonstra o inconsciente

deliberadamente – o que faz com que ele se exponha certamente ao que, hoje em dia, é o movimento freudiano dito revisionista, que tenta atualizar os segredos escandalosos, supostos como tais, de sua vida e que forma um tipo de Internacional negra.

Em Lacan, nada há dessa ordem. De início, sua reflexão recai indissociavelmente sobre a prática da análise e sobre Freud. Ele considera que são do mesmo tecido. Para nós, agora, a situação é parecida – o ensino de Lacan se verificará sempre incontornável para um maior número de psicanalistas, quer queiram ou não. Não se pode evitar isso com relação a Freud e Lacan. Pode-se deplorar isso – por que não? – mas não se pode evitar.

Lacan não tem qualquer complacência com um tema que consiste em confundir sistematização com universalização. Ele teve como visada, não o esqueçamos, o matema, isto é, a transmissão integral. Evidentemente, seus matemas não são verdadeiros matemas de lógica – ele mesmo o reconheceu e é bastante claro, eles não têm nenhum funcionamento automático. Não há aí, exceto esboçado por um caminho, pensamento cego. Certamente, quando vemos os quatro discursos que ele formalizou se engendrarem por permutação, temos aí um esboço. Quer dizer, não se trata de trazer uma sistematização – ela está aí. Ela está aí – apenas se transforma. O que faz com que, se quisermos simplesmente comparar teses termo a termo, percebe-se que, sobre certos pontos, ele modificou completamente – o que não impede que exista uma passagem contínua de um ponto ao outro.

Eu tenho frequentemente destacado em meu curso: diferentemente de autores que gostam de sublinhar as rupturas de seu pensamento. Penso, por exemplo, em Bertrand Russel que fazia, com uma variedade de requintes excessivos, suceder teorias incompatíveis umas às outras, assinalando-as. Há, em Lacan, um efeito de continuidade, que se encontra no seu estilo de elaboração, mas que é

frequentemente enganador e faz desconhecer o permanente questionamento de seu próprio trabalho.

Acredito que Lacan pensou constantemente contra Lacan. Eu demonstrei, há dois anos, que certas teses essenciais em "A instância da letra" vão completamente de encontro àquilo que Lacan expunha cinco anos antes em seu "Relatório de Roma". Tenho, por exemplo, mostrado que o que ele denominava de as *leis da fala* são distintas das *leis da linguagem* – que ele somente desembaraçou mais tarde. Esses deslocamentos são frequentemente dissimulados pelo fato de que ele recorreu aos mesmos exemplos, às mesmas fórmulas. Eu também acentuei o que nesse ensino é uma articulação-pivô, a do sintoma e da fantasia – aliás, sobre esse assunto realizei meu curso do ano passado –, articulação que não é menos essencial para a direção do tratamento.

Portanto, a intenção de formalização, presente desde a lição de abertura de seu Seminário – se vocês querem de fato reler, no *Seminário I* –, é decerto continuamente frustrada por uma inconsistência remanescente e persistente.

Isso quer dizer uma ambição de classificação, tratando-se de Lacan, e acredito, é também vã quanto a Freud; aliás, demonstrei que para saber apreciar uma definição de Lacan é preciso saber em qual momento ele a formulou. Longe de cultuar a citação de Lacan como verdade revelada, penso ao contrário, que se trata sempre de um momento, de uma inflexão, de uma reflexão em constante remanejamento.

A decisão por fórmulas não impede que seu exato valor teórico seja relativo ao momento de sua enunciação.

François Ansermet – Você não pensa que essa obra possa se afastar de seu objeto e das perspectivas que ela tem aberto, com a aparição de um leitor que se instituiria como proprietário de um saber que legifera, em detrimento mesmo do discurso da análise que a tinha subentendido?

Jacques-Alain Miller – O ensino de Lacan tornou-se aos nossos olhos uma obra. Em 1964, eu me apercebi com surpresa que os seus alunos psicanalistas não o liam – sejamos justos –, ou que eles não percebiam a dimensão do ensino que eles seguiam na familiaridade de todas as semanas. Lacan mesmo disse, em seu Seminário dez anos após, que ele precisou desses rapazes da Escola Normal para se aperceber que o que ele fazia era um ensino.

É que eles estavam bem seguros na posição de se aperceberem disso, sendo alunos da ENS – diríamos, de poderem pré-interpretar dessa dimensão o que Lacan fazia. Hoje em dia, isso não é mais contestado por ninguém. Nós assistimos uma nova metamorfose, aquela desse ensino em obra.

Vejo todos os dias chegarem pessoas jovens que jamais viram Lacan e que ficam, contudo, captadas, cativadas, por aquilo que existe entre os signos escritos. É o movimento mesmo da vida, se posso dizer, ao invés dessa mortificação.

O universitário ainda mantém o respeito pela obra de Lacan, mas ela alimentará, talvez, tanto os universitários do futuro, quanto a de Joyce. Não há como se revoltar contra isso. Lacan sempre fez seu seminário sob o acolhimento da Universidade. Se ele o começou na sala da sua casa, na *Rue de Lille*, n. 3, a pedido de seus analisantes e do grupo de formação da Sociedade Francesa de Psicanálise, ele deu prosseguimento, dois anos após, em Saint-Anne, depois na Escola Normal e mais tarde na Faculdade de Direito, seria preciso ser cego para não perceber que ser acolhido pela Universidade tinha para ele um valor essencial. A mais importante função da Universidade é precisamente a sustentação e o debate do que é dito pelo que se apreende de um autor.

Isso não quer dizer que, de minha parte, eu coloco nisso a complacência. Meu esforço visa, ao contrário, naquilo que eu mesmo ensino, preservar o mais possível e

prolongar o ímpeto do ensino de Lacan, sua incidência sobre uma prática que é sempre viva, a psicanálise. Mas concebo muito bem que abordagens puramente universitárias possam se desenvolver. Pode-se colocar a salvo o saber, mesmo sob formas imbecis, mas não se coloca a salvo a verdade.

Para a edição dos Seminários, as lições de Lacan justificariam todo um aparato crítico: referências, citações, esclarecimentos de dificuldades. Ora, de comum acordo entre nós, o Seminário é apresentado sem nenhum aparato crítico, como os livros de hoje em dia, mesmo quando o Seminário tem vinte anos de idade. Eu prossigo nessa via, e prosseguirei enquanto viver a relação com o ensino de Lacan, enquanto houver gente para pesquisar sua via na prática analítica – a sua via, nada mais – a partir de seu ensino. Isso não impede que, por outro lado, todo um trabalho de exegese, de referenciação possa se desenvolver. Creio que houve a mesma controvérsia em relação à edição de Heidegger. Heidegger quis que a edição de suas obras completas retomasse a última edição de cada uma de suas obras. Certo número de universitários se revoltou contra esse voto de Heidegger, aspirando que a edição fosse enriquecida com variantes do texto, e creio que os executores testamentários de Heidegger cumpriram seu dever seguindo seu voto de que suas obras continuem a ser os *caminhos* que empresta ao leitor, e não sejam sobrecarregadas do que a glosa universitária pode aí trazer – o que não interdita, é completamente óbvio, que essa glosa e esse trabalho crítico se façam noutro lugar. De minha parte, tenho feito, desde o seminário *As psicoses*, um apelo aos homens de boa vontade. É certo que, em um trabalho dessa amplitude, não excludo ter ocasionalmente cometido erros, e acolho com os melhores sentimentos do mundo, solicito àqueles que gostariam de se dar ao trabalho, é preciso dizer, ingrato, de assinalá-los para

mim. Evidentemente, prefiro que me assinalem amavelmente; mas pouco importa: por uma razão ou outra – alguns o farão com malevolência –, são meus colaboradores!

François Ansermet – Qual relação se pode definir entre a escrita da obra de Lacan, sua transmissão e a instituição psicanalítica? A instituição, naquilo que ela se situa do outro lado das referências explícitas que a fundam, não corre o risco de desenvolver o que o escrito, por sua ambiguidade, quis evitar? Se pudermos falar nesses termos, qual é o lugar da obra de Lacan em relação à instituição psicanalítica lacaniana?

Jacques-Alain Miller – Em primeiro lugar, em relação à instituição psicanalítica não-lacaniana. Lacan não se apoiou senão sobre o seu ensino como alavanca contra a Igreja que o excomunhou, e ela deve medir agora os destroços que a série dos *Seminários* produziram no seu *Imperium*. Os efeitos são tão convincentes que a gente começa a ver, sobretudo depois do falecimento de Lacan, tentativas que é preciso chamar de recuperação. Apagando suas consequências quanto ao *standard* analítico e a instituição, se gostaria de acrescentar Lacan à lista dos "grandes autores" da psicanálise. Devo dizer que faço tudo ao meu alcance para impedir isso, isto é, para fazer valer que esse ensino é indissociável de uma decisão subjetiva, de uma escolha, que tem suas consequências na prática e na instituição analítica. Considero que não se pode ter a pretensão de seguir Lacan de modo autêntico quando, sendo psicanalista, se adota modalidades da prática e da formação estritamente incompatíveis com seu pensamento. Se a prática analítica vier um dia a se apagar, o problema será colocado de outra maneira. Nós não estamos ainda lá.

Considero que o ensino de Lacan não pertence a ninguém – se é bem o ensino de Lacan, que entendo, tal como ele o formulou, então excluo as diversas falsificações que se apresentam.

Esse ensino não é propriedade de um grupo, nem mesmo da Escola da Causa Freudiana à qual pertença, nem de qualquer outro grupo. O Seminário de Jacques Lacan sempre foi publicado sem carregar nenhuma marca institucional de qualquer tipo. O Seminário está aí para tomar seu lugar na comunidade analítica, e para além.

Isso quer dizer que sei que é em torno desses Seminários que se constituem, se condensam os grupos de trabalho, os cartéis, como Lacan os denominou, as assembléias de pessoas que procuram o saber. Vi como, na América Latina, foi em torno desses textos que, pouco a pouco, se formou um turbilhão, que hoje em dia faz com que a orientação lacaniana tenha uma importância como a Internacional. É evidente observar, para mim, no trabalho que tenho que fazer, um encorajamento em verificar a vitalidade do engajamento que é sempre suscitado por Lacan. Isso responde a sua questão?

François Ansermet – Quando eu fazia um paralelo com os primeiros textos de Freud sobre o inconsciente, não era no sentido de assimilá-los ao trabalho de Lacan, mas antes de tudo porque são textos construídos ao risco de seu objeto, com uma enorme proximidade dessa outra cena em jogo na análise.

Jacques-Alain Miller – Completamente de acordo.

François Ansermet – Então, minha questão seria: você estima que o risco possa desaparecer, isto é, que se opere uma redução da obra na qual a dimensão analítica seja excluída?

Jacques-Alain Miller – Estou persuadido que sim. Nós constatamos que Lacan não teve ainda seu Fenichel porque esse ensino frustra profundamente essa tentativa. Terá ele um dia?

François Ansermet – É aí que eu poderia retomar minha questão sobre a instituição: haveria condições particulares, até mesmo éticas, para evitar tal redução?

Jacques-Alain Miller – No momento, não temos muitas instituições. Lacan destruiu a instituição que ele construiu⁵! Em relação ao monstro que foi a Escola Freudiana de Paris, a Escola da Causa Freudiana é de um tamanho muito mais razoável, e não tem certamente as loucas pretensões que foram as da outra, de ser depositária do ensino de Lacan. Ela tem a vantagem, o privilégio de ter sido presidida por Lacan até seu falecimento, mas não pode se apresentar pensando em se apropriar do seu ensino. Ela tem que dar suas provas pelo seu trabalho. Nesse trabalho, tal como observo enquanto membro do Conselho Estatutário e enquanto participante como membro, eu não quero nada que testemunhe tal enfatuação.

Não falamos de diferentes grupos provenientes da dissolução, mas de uma dezena de tamanho variável que, por estarem embaraçados em seu rancor, não tomam seriamente um lugar no debate em questão.

Portanto, se pode dizer que a iniciativa de Lacan certamente clareou o céu institucional – as nuvens carregadas de tempestade desabaram no tempo em que ele viveu, e nos deixou, do ponto de vista institucional, um céu mais azul.

Portanto, distingo completamente meu trabalho de redação do Seminário do trabalho institucional que eu prossigo, por outro lado, – já que dou prosseguimento a um, que visa constituir uma rede, translinguística, internacional, entre aqueles que se referem ao ensino de Lacan e querem tirar as consequências da prática da psicanálise. Penso que isso é necessário para ter um peso em relação à Internacional.

Lacan pôde dizer, em 1978, no fim de um congresso que ele tinha reunido em Paris sobre a transmissão da psicanálise, que a assembléia que estava lá tinha a importância da Internacional. Eu gostaria que isso continuasse após sua morte, que fosse verdade. É difícil,

por muitas razões, porque o cimento da Internacional é um *standard* de prática e de formação. A lição de Lacan é ao contrário, o não *standard* nesses assuntos. O que evidentemente não leva à coesão: há, ao contrário, uma inclinação à pequena diferença e ao sectarismo, se posso dizer intralacaniano. Pois bem, é preciso fazer com isso – é por isso que falo de rede, e não de associação internacional.

Respeitando a não-standartização lacaniana, como criar um espaço de transmissão? Esse é o problema com o qual me confronto desde 1980 e, devo dizer, com resultados encorajadores. Para isso, o ensino de Lacan é o cimento essencial. Mas, ainda uma vez, distingo o trabalho institucional, que se apóia nesse ensino, do trabalho de redação, e eu diria de proteção desse ensino, que vai muito além disso e cujos efeitos são imprevisíveis.

Lacan disse no seu posfácio ao *Seminário XI* – ele se deixou persuadir que essa publicação permitiria tornar mais consistente o discurso analítico, isto é, a estrutura que suporta a experiência. É preciso que se fale disso para que ela exista, é necessário que a gente a construa, que a gente a verifique, que a gente a demonstre. O Seminário é essencial à instituição do discurso mesmo, em relação ao qual as instituições, no sentido de grupos, são derivadas.

No que concerne à transmissão, de fato se constata que não há um grande número de criadores na psicanálise – depois de Freud, reconhecemos nesse aspecto Melanie Klein e, evidentemente, Lacan. Lacan permite, pela retomada dos fundamentos da psicanálise, pela reatualização que ele realizou das referências científicas freudianas – não tanto a biologia, mas a linguística, a lógica, a topologia –, que as pessoas continuem a se arriscar a uma psicanálise, a se meter nesse dispositivo que, sem isso, se tornaria um dispositivo morto. E ele o permitiu evidentemente na França, onde se constata a vivacidade do interesse pela

psicanálise e sua profundidade e, além disso, no conjunto de países da língua latina. Contrariamente, se constata que ali onde esse ensino não foi recebido, por exemplo, nos Estados Unidos após o período da voga que se conheceu após a guerra, o entusiasmo para que a análise se apague. Se a interpretação é predeterminada pelas normas que emprestam sempre sua definição aos ideais sociais, ela perde então sua virtude, e o sujeito suposto saber, essencial ao funcionamento da experiência, se dissolve. É o que se produziu ali onde o ensino de Lacan não aportou. Isto quer dizer, esse ensino não nos alimentará todos os dias, é preciso conservar, despertar, renovar sua verdade – é o que retorna à nossa geração. Se surgisse outro Lacan, qualquer um que pegasse, no mesmo nível de autenticidade, o bastão que se apresenta, veríamos como ele seria acolhido. É provável que ele fosse acolhido como o próprio Lacan, com o escarro e a injúria. Em todo caso, isso não se imita.

François Ansermet – Na posição desses que não conheceram diretamente Jacques Lacan, que não trabalharam com ele, que não assistiram aos seus seminários, que também não participam de uma escola psicanalítica lacaniana, o conhecimento da obra de Jacques Lacan se faz através da leitura dos *Escritos* e dos *Seminários*. É por intermédio do texto, por um trabalho de leitura, que se realiza uma transmissão do seu pensamento e do seu trabalho. Nós gostaríamos de interrogar essa posição do leitor. O conhecimento de sua obra passa agora por um trabalho de leitura. Através dessa leitura se coloca a questão da transferência com Lacan, como se coloca sempre ainda aquela da transferência com Freud através de sua obra, nisso que se poderia designar como uma transferência de leitura. O que dizer dessa posição de leitor? Como esse que estabelece o texto da obra de Lacan, que lugar você pensa ocupar em relação a essa transferência particular?

Jacques-Alain Miller – Lacan o dizia evocando a sua morte – seria Outro, enfim. É uma metamorfose que se realiza sob nossos olhos, e que é bem feita para deixar perplexo, nostálgico, que pode entristecer e ser uma ocasião de dor para seus próximos. Ora, é um fato – ele é Outro, enfim.

Você compreende que é necessário que eu faça um esforço para responder a sua questão e imaginar a posição desses que não conheceram Lacan e o abordam como autor de uma obra. Mas, afinal, posso dizer que este seria o meu caso: quando comecei, durante os três meses que eu lhe descrevi, eu conhecia Lacan somente desse modo. Posso me imaginar muito bem nessa posição, visto que eu mesmo a ocupei – e testemunhar que é possível se reencontrar inteiramente aí apenas a partir do texto.

Em segundo lugar, há evidentemente na psicanálise toda uma parte que não se transmite pela via do matema, mas pela experiência, a escuta e, por exemplo – sem o que não se veria o por quê de se fazer supervisões. E aí, a relação com Lacan, como exemplo e até mesmo como paradigma, é insubstituível. Nos países de língua espanhola, há desde 1972 um enorme interesse por Lacan, os grupos são formados em referência a esse ensino, mas sem contato ao nível da prática – nem análise, nem supervisão. É certo que eles têm uma grande dificuldade de fazer passar esse ensinamento para a prática analítica. Mas, atualmente, isso se corrige, precisamente graças a essa rede em formação. Não é suficiente dizer: “A gente vai encurtar as sessões” para se tornar lacaniano! E não é por acaso que Lacan não multiplicou as exposições sobre esse assunto – é que isso era a sua prática, aquela que era a sua medida, aquela que ele forjou ano após ano, e que era também a medida da transferência que ele mesmo suscitava. Isso não está ao alcance do primeiro que chegar. Ele jamais fez disso

matéria de propaganda, de modo permanente, durante sua explicação sobre sua prática.

Em terceiro lugar, eu diria – por que não? – que num sentido, não ter conhecido Lacan, a gente pode fazer disso uma vantagem. Remarcamos que Lacan jamais encontrou Freud. Ele o poderia. Se tivesse desejado, ele não poderia ter realizado uma viagem à Viena nos anos vinte ou trinta? Eu lhe perguntei um dia por que ele não tinha ido ao encontro de Freud na ocasião de sua passagem à Paris a caminho de Londres, e ele me respondeu que Freud se acomodou na casa da princesa Bonaparte e que ele não queria fazer pra ela as graças que teriam sido necessárias!

Isso quer dizer, ter conhecido um grande homem, ter tido sua confiança, ser fiel à sua memória, poderia ser uma deficiência para aperceber o ponto cego, o impensado de seu ensinamento e, talvez, é de um ponto mais afastado em relação ao meu que virão as perspectivas mais inovadoras – eu não excluo isso.

Acredito que a transferência com Lacan é completamente possível a partir da leitura. Segundo a definição mesma de Lacan, a transferência é a uma estrutura cujo pivô é precisamente o saber. Pode-se então, totalmente, ter uma “transferência com Lacan”, como você diz, a partir do saber tal como ele é depositado e que toma a forma de obra. Ademais, essa obra tem uma forma tal que o saber conserva uma dimensão de suposição. Lacan frustrou neste ponto a posição do autor como aquele que sabe o que diz, de tal modo que perdura uma dimensão de suposição, um lugar de verdade – para fazer referência a seu discurso – que haja precisamente esse saber suposto, e não o autor idêntico a si mesmo. É o modo que, como lhe dizia, eu me esforço para levar em conta, não constituindo suas citações como significantes mestres. Eu trato o saber de Lacan como saber suposto, isso quer dizer, levando plenamente em conta a divisão do sujeito. Logo, a transferência com Lacan me

parece totalmente concebível a partir do que você chama "transferência de leitura".

Posso dizer uma palavra sobre minha posição. Começaria dizendo que ela é fácil. Ela o é a partir do momento em que continuo, – para empregar esse verbo que Lacan fez ressoar – eu *persevero* na jornada que iniciei no tempo mesmo em que Lacan viveu. Portanto, primeiro aspecto – é fácil.

Segundo aspecto – evidentemente, é muito difícil. A morte de Lacan marcou uma mudança de época, e a mesma pessoa que, em abril de 1973, no momento da saída do *Seminário XI*, escrevia "Foi preciso transcrever, retranscrever o texto estenografado, o trabalho foi feito com perfeição por Jacques-Alain Miller", hoje em dia me injuria pelo mesmo trabalho. Lacan me havia denominado recentemente, em um seminário, "seu fiel Acates⁶" – vocês conhecem o verso de Virgílio.

É também uma posição difícil porque – como aliar essa função de redator e de vigia da obra, que Lacan me atribui nas formas mais legais, quero dizer diante de notário, com a missão de continuar e de animar a verdade de seu ensino? É uma questão que tenho que me colocar cada vez que ensino, eu mesmo.

Posso acrescentar – o que simplifica tudo, que faço o que tenho que fazer. Pelo fato de exercer a psicanálise, sou conduzido a verificar o caráter sempre operativo do ensino de Lacan. Sou eu o conservador do seu museu? A pressão mesma da experiência e, por ocasião, das urgências que ela comporta, me reconduz, se eu tivesse a tentação de me desviar dele, ao que esse ensino tem de vivo. Como, por outro lado, continuo a dar cursos, – o que eu fazia mesmo antes de exercer a psicanálise –, não posso me remeter ao conforto do silêncio.

Eu defendi nesse curso a noção de que nada havia de mais próximo ao que Lacan chamou de *não ceder de seu*

desejo, que fazer seu dever. É o que me serve de apoio em todo esse assunto, e na tormenta que ambientou os últimos anos de Lacan – eu não cedo do meu desejo.

Janeiro de 1984.

Tradução: Luis Francisco E. Camargo

¹ Tradução do original: Miller, J.-A. (1985[1984]). "Entretien sur Le Séminaire avec François Ansermet". Publicado em livreto pela Navarin éditeur. A primeira versão brasileira dessa entrevista foi publicada em *Arteira - Revista de Psicanálise da Seção Santa Catarina da Escola Brasileira de Psicanálise* (3), em 2010.

² "Ils m'ont appelé l'Obscur et j'habitais l'éclat".

³ (N.T.) A expressão utilizada em francês é *caïman*. Caimão (português) é um gênero de réptis anfíbios, popularmente conhecido por jacaré. Em francês *caïman* é uma denominação dada aos orientadores de estudos na Escola Normal Superior.

⁴ (N.T.) A palavra utilizada por J.A.M. é « répétiteur ». Trata-se de uma denominação aos mestres orientadores e supervisores no ensino público francês.

⁵ (N.T.) *Lacan a mis à bas l'institution qu'il avait mise bas!*. Jogo de palavras entre a locução *mettre à bas*, colocar abaixo, e a locução *mettre bas*, parir, dar à luz a um animal.

⁶ (N.T.) Acates é um personagem de *Eneida*, título do famoso poema épico de Virgílio. É o companheiro fiel e escudeiro de Enéias, herói troiano. O termo fiel, usado para caracterizar Acates, deve-se a uma das virtudes romana denominada *fides*, baseada no cumprimento estrito da palavra empenhada.